

## **Na ponta do punhal e da peixeira, Bando Jaçanã e a poética da narrativa ancestral, migrante, periférica e insistente: o sentido do passado como flor a desabrochar nas encruzilhadas do presente, no presente**

Everton da Silva José<sup>1</sup>

Na imensidão periférica de São Paulo, populações migrantes e as suas – absolutamente essenciais – astúcias ancestrais recontam com muita cantoria histórias do cangaço e da Jova. Do Bairro Jaçanã, Zona Norte, logradouro eterno nos versos *sambados* de Adoniran Barbosa, de lá também, o teatro e a arte são embalados pela musicalidade do baião e das vozes que constituem o agrupamento artístico denominado: Bando Jaçanã.

Se o nome do bairro já esteve agraciado no samba e na nomeação do agrupamento, a Jova Rural não contou/cantou a mesma sorte, um ponto de consciência política do Bando que se evidencia nessa arguta escolha da nomeação do espetáculo: *Sankofa - Cantando e Recontando Histórias do Cangaço e da Jova*. Nomear os teatristas que, independente da função desempenhada, estiveram envolvidos nessa importante produção cênico-poética é de suma relevância, com seus atos e potências os/as partícipes do espetáculo são: Antônia Mattos, Andressa Oliveira, Huiris Brasil, Felipe Sótnas, Iara Perri, Karolayne Oyá, Marcello Evans, Moni Bardot, Ruby Máximo, Stephany Oliveira, Agatha Tosta, Eliseu Weide, Éder Lópes, Regina Santos, Edson Luna, Pedro Emanuel, Breno Máximo, Thiago Marchetto.

Jova e Sankofa, os movimentos de *gentes* inúmeras no ir e vir das atividades humanas. A obra teatral se coloca insinuante e instaura, no campo da inventividade artística, uma poética narrativa de temporalidades entrecruzadas. Entre África e América, a do Sul, entre o universo sertanejo migrante e o povo de infindas

---

<sup>1</sup> Everton da Silva José é licenciado e mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP-MG). Atualmente, é doutorando no Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (PPGA-IA-Unesp/SP), sendo seu sujeito de pesquisa as epistemologias da práxis no Grupo Opinião, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre. Mate Contato: [everton.jose@unesp.br](mailto:everton.jose@unesp.br)

crendices e saberes, o termo Sankofa, aquilo que olha para trás para buscar-retornar, e ao mesmo tempo ir, se apresenta simbolicamente em densa espessura na constituição espetacular. A memória, no presente para o presente, tem à mão ancestralidades na ponta da peixeira e do punhal. A ancestralidade está tecida e convocada a vociferar sem amenizar ou falsear algumas histórias do povo em seus enfrentamentos, seja no cangaço nordestino seja na periferia paulistana.

O Bando Jaçanã embrenha em sua poética um hibridismo narrativo entre Angicos, no Rio Grande do Norte e a constituição do bairro da Jova Rural, comunidade que por meio da luta por moradia feita com os pés na lama tem enfrentado adversidades estruturais, sociais, culturais, econômicas. Pode-se perceber na obra, por um lado o Cangaço, o árido sertão nordestino; por outro a periferia migrante paulistana. Tais sujeitos ou por intermédio deles, o Bando Jaçanã configura um transladar geográfico e, também, de estruturas formais populares através de uma epicização poética do fazer cênico.

Destaca-se na obra a musicalidade e a politização temática. Do baião o repente soa e ressoa, do *rap* ao vibrar do berimbau são manifestadas resistências culturais de notória confiança popular. A cena teatral e a *artistada*, em sua polifonia, esbanjam consonância. As belezas das sonoridades vocais metalizadas, metais de fino trato e fina força sonora defrontam-se com as narradas dores e resistências com exuberante harmonia. Canto e resposta são um estribilho festivo de potência artística e coletiva.

As vozes coletivizadas não dizem somente de si, mas assim como são, se trata daqueles que vieram antes e que ainda, da força do dia vivente ao percutir do pandeiro, não se deixam passar esquecidos à *artistada* com os pés no chão histórico e em seu *topos* de ação. Nesse sentido, as sonoridades do espetáculo mais do que sons, configuram-se em gestos... movimentos que viajam no tempo do viver, “gestualidade sonora” que faz parte da geometria do cancionista popular.

A composição de Sérgio Ricardo<sup>2</sup> é de compatibilidade intrínseca à sensibilidade da obra ao dizer “Esse mundo é meu, esse mundo é meu”, pois o Bando Jaçanã faz do mundo da Zona Norte paulistana o seu lugar e de outros

---

<sup>2</sup> Sérgio Ricardo (1932-2020), nome artístico do compositor, músico, cantor e cineasta brasileiro João Lutfi. O artista participou de importantes movimentos artísticos na música e no cinema nacional, dentre os quais é destacada nesta crítica uma das canções das músicas de protesto, *Esse mundo é meu*.

muitos, como ainda diz esta canção de protesto: “Saravá Ogum/ Mandinga da gente continua/ Cadê o despacho pra acabar/ Santo guerreiro da floresta/ Se você não vem eu mesmo vou/ Brigar”.

A configuração da espetacularidade cênica se constrói em uma estrutura de montagem e colagem de cenas históricas, dados, entrevistas, lugares, narrativas pessoais e coletivas... eita, a peça se afunda no território da favela, se aprofunda na antiga lama da Jova e convoca o passado como denuncia, o passado e o presente proposto pelo Bando reclama transformações com vigor e retira dos apagamentos estruturais sócio-históricos de Angicos e da encruzilhada da Jova, aquilo que a gente periférica sabe, sente e vive. A violência estrutural é disposta e criticada como nas seguintes palavras do espetáculo: “[...] se a PM mata, o judiciário enterra”.

De Virgulino Ferreira da Silva, vulgo afamado *Lampião*, até declarações de Dadá, mulher e cangaceira porreta, uma das últimas sobreviventes do cangaço, como apresenta o espetáculo, nota-se os morros da Jova Rural e Filhos da Terra, o Fontalis e o Jardim Felicidade e, entre eles o Hebrôm, topografia dos bairros que formam uma grande encruzilhada e que do alto da favela, como diria Euclides da Cunha, a respeito de Canudos, não deixam de marcar o bar da Dona Rosa Genoíno, local em que se passa uma das cenas do espetáculo. O que era sertão e cangaço, o Bando Jaçanã nomeia, “hoje chamamos periferia”.

Inícios e fins, permanência e impermanência, a obra do Bando é de utilidade pública e histórica, esteticamente composta de muitas veredas, vigor, labuta e enfrentamentos, é importante que se diga, do bando de Virgulino, um Silva, ao Bando Jaçanã e a periferia, há um outro cenário histórico, ambientes, lama, seca e rachaduras, as balas do Estado, próximos e distantes, no entanto as contradições de antes e às de hoje se apresentam em manutenção, mas não sem os enfrentamentos enraizados na astuta observação e produção poética do Bando, marcado pela insistência dos que lutam por um lugar onde as violências não sejam normalizadas e escamoteadas, e que as incontáveis absurdidades históricas possam ser superadas. O Bando Jaçanã sensivelmente descortina com sua *poiesis* e *praxis* o que não cansa de ser surrupiado nas histórias institucionais, dos lugares e de seus viventes, a saber, a dignidade e resistência da *gente* expropriada, que não se deixa morrer num passado sem lembrança e memória. Viva e siga Sankofa!